

Luís Miguel Nava: Até à raiz da alma

António Manuel Ferreira

Universidade de Aveiro

*Aquele a quem os deuses amam, cedo há-de morrer.
Menandro¹*

*Eu pouco sei de ti mas este crime
torna a morte ainda mais insuportável.*

Eugénio de Andrade, Requiem para Pier Paolo Pasolini.²

A poesia de Luís Miguel Nava ocupa um lugar de especial relevo na Literatura Portuguesa Contemporânea. Segundo Eduardo Prado Coelho, estamos “perante uma das experiências literárias mais originais, perturbantes e apaixonantes da poesia portuguesa contemporânea”.³ Gastão Cruz, falando do estilo de Nava, considera-o “a única presença verdadeiramente forte e diversa afirmada no panorama poético português dos anos 80...”⁴

Nava abriu um caminho: um percurso estranho e contudo reconhecível, que conduz ao interior menos visitado do homem, alargando, ao mesmo tempo, as formas de comunicação com o quotidiano, ao aprofundar intensamente os vínculos que nos unem ao nosso próprio corpo.

Habitados a um lirismo muitas vezes feito de metáforas domesticadas pelo uso reiterado, invade-nos uma sensação de desconforto ao entrarmos pela primeira vez no universo de uma

¹ M.H.Rocha Pereira, *Hélade*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1982, p.442.

² Eugénio de Andrade, *Ostinato Rigore- Escrita da Terra e Outros Epitáfios*, Porto, Limiar, 1977, p. 98.

³ Eduardo Prado Coelho, “Uma estrada que levasse ao mar”, *Público*, 20 de Maio de 1995.

⁴ Prefácio a *Poemas*, Porto, Limiar, 1987, p.9.

poesia, que faz do corpo o centro de irradiação de todos os sentidos e de todas as demandas. É a partir do corpo que se organiza, de forma meticulosa e obsidiante, o mundo habitável e habitado desta poesia. Não se trata, no entanto, de um corpo solar e epidérmico, símbolo gasto de devaneios eróticos, reconhecidos por uma tradição de séculos. Trata-se de um corpo radicado, cavernoso, húmido e exposto, desde o labirinto dos nervos, até às janelas que a memória abre sobre a pele.

Lida na sua totalidade, a poesia de Luís Miguel Nava revela uma grande coerência temática e estilística. Há um núcleo relativamente reduzido de temas e processos que se vai alargando em círculos, ou, para usar termos muito caros ao poeta, se vai multiplicando em relâmpagos, profundidades aquáticas, folhas, e raízes que rasgam sulcos de onde irrompem as palavras⁵. Casos há em que a disposição de um determinado texto na página chama à sua vizinhança um outro texto que desenvolve ou aprofunda sugestões aventadas no primeiro. Por vezes, o simples aflorar de uma palavra à superfície textual deixa uma ressonância que exige uma atenção mais demorada.⁶ A continuação de um poema nos seguintes, mantendo intocáveis os limites de independência formal, permite, no entanto, uma divisão em macrotextos, que intensificam, em profundidade e extensão, a densidade de uma palavra ou de um verso.

Este processo de exploração do código óptico-grafemático em estreita conexão com o investimento semântico-pragmático nada tem de exercício lúdico, pois está em perfeita sintonia com as leis definidas em textos declaradamente metapoéticos. A busca da palavra essencial, tornada utensílio, é uma das linhas com que se tece a poesia de Luís Miguel Nava. Tudo passa pela palavra original que há-de servir de mediadora entre o real e a sua percepção por parte do sujeito lírico, como se pode ver no poema intitulado “A Letra Errante”:

Aqui como se o livro, onde o atingisse o mar, se desfizesse e refizesse e nele por fim a letra errante, essa insidiosa letra há tantos anos à deriva, achasse o espaço onde coubesse, principio.⁷

De acordo com esta poética, o poema não é uma construção verbal propiciadora de uma estética de desafogo ou de simples apelo. O poema é um lugar de representação do eu profundo do sujeito, porque é, ao mesmo tempo, um espaço de concertação de indícios pessoais e de entendimento dos laços que ligam o *eu* ao mundo. Não se trata, pois, da simples transposição da vida, do plano do real para o onírico poeticamente vivificado; o real é contaminado pela força genesiaca da palavra, e o que resulta dessa contaminação não é apenas uma nova forma de perceber a realidade, mas a própria realidade que interessa ao sujeito no momento do

⁵ Eugénio Lisboa salienta um <<peçoalíssimo discurso poético feito de uma obsidiante repetição de termos, cujo significado e intenção gradativamente se aprofundam e se “esclarecem”...>> (*As vinte e Cinco Notas do Texto*, Lisboa, IN-CM, 1987, p. 205).

⁶ Segundo Fernando Pinto do Amaral, << em Luís Miguel Nava, sucede muitas vezes que um poema se ergue em redor de uma metáfora central (ou duas ou três, quando muito), sendo a *energia* desse texto directamente dependente do poder simbólico ou evocativo da sua metáfora nuclear>> (*O Mosaico Fluido - Modernidade e Pós-Modernidade na Poesia Portuguesa mais Recente*, Lisboa, Assírio e Alvim, 1991, p.153).

⁷ Luís Miguel Nava, *Poemas*, Porto, Limiar, 1987, p.73.

reconhecimento, e que há-de interessar ao leitor, quando este conseguir entender, como sua, a matéria vulcânica, transformada em sinal comunicativo pelo depurado trabalho sintáctico e imagístico desta poesia. É aliás a inclusão do leitor no texto, como entidade activa, um dos veios de resistência dialógica mais eficazes da poesia de Nava. O leitor é convidado a colaborar no trabalho de iluminação cooperante, que a leitura deve ser. A importância conferida ao leitor conduz mesmo à configuração de um *leitor ideal*, cujo rendimento interpretativo aumenta em conformidade com o grau de cordial empatia, ou mesmo simpatia, que conseguir estabelecer com o sujeito poético:

*Poder-me-ão entender todos aqueles
de quem o coração for a roldana
do poço que lhes desce na memória.*

*Se alguma coisa vi foi com o sangue.
De alguém a quem o sangue serviu de olhos poderá
falar quem o fizer de mim.*⁸

É ainda ao leitor que é “enviado” o último texto da derradeira colectânea de Luís Miguel Nava, um texto com um título ominosamente premonitório, que termina em tom de *captatio benevolentiae* :

Final

<<Não foi sem dificuldades que este livro rompeu através dos interstícios do mundo até chegar às tuas mãos, leitor, para aí, como um deserto a abrir noutro deserto, criar uma irradiação simbólica, magnética, onde o branco do papel e o negro das palavras, essas cores que segundo Borges se odeiam, pudessem fundir-se e converter-se nessa outra a que, na enigmática expressão de Sá- Carneiro, a saudade se trava. Como um desses objectos cujo peso, assim que neles pegamos, instantaneamente se divide entre as nossas mãos e a alma, é mesmo de crer que ele esteja já dentro de ti - e algo de mim com ele. Acolhe-o, pois, com benevolência, que, chegada a altura, havemos de arder juntos>>

E havemos de arder juntos através das letras que, segundo o poeta, vêm à janela da casa alicerçada na página¹⁰ e estendem perante o nosso olhar uma esplendorosa e rigorosíssima arquitectura de palavras vivas, que nos obriga muitas vezes a reformular todos os horizontes de sentido.

Escapando agilmente à tentação do derrame sentimental¹¹, a poesia de Nava não cai, porém, na segura autocomplacente que transforma o poema em mero jogo, vedado aos não iniciados. Mesmo quando desarticula a sintaxe, através de um elegante e rendoso uso de

⁸ Luís Miguel Nava, *Poemas*, Porto, Limiar, 1987, p.79.

⁹ Luís Miguel Nava, *Vulcão*, Lisboa, Quetzal, 1994, p.63.

¹⁰ Luís Miguel Nava, *Poemas*, Porto, Limiar, 1987, p.31.

¹¹ cf. Fernando Pinto do Amaral, *op. cit.*, p. 158.

anástrofes e hipérbatos, esta poesia nunca nos dá a sensação de inebriamento com estruturas formais fechadas. O estranhamento sintáctico é sempre um meio de dar a ver a variedade do real e das possibilidades de o assimilar.

E é na capacidade de aproveitar os mínimos sinais do real quotidiano que parece residir a força e a verdadeira sedução destes poemas. Partindo de gestos, cuja repetição diária esvazia de sentido, Luís Miguel Nava vai associando elementos díspares, que concertados pela lógica do poema, ultrapassam o domínio do tangível e se insinuam na esfera da memória e dos afectos. É o que acontece, por exemplo, num texto em que o acto banal de encher de água uma bacia para nela lavar as mãos, dá origem a uma reflexão sobre os afectos. Observando atentamente o escoar da água, pode-se chegar a situações como esta:

...Mergulho às vezes as mãos na minha esperança, mas retiro-as ao cabo de algum tempo, antes que se transformem em raízes. Destapo uma vez mais o ralo. Assim corre a amizade - penso, olhando o redemoinho - assim correm os afectos, que, depois de encherem a bacia onde a custo nos lavamos sem os fazermos transbordar, se escoam sem regresso em direcção ao caos.¹²

Esta técnica de explicação da natureza dos sentimentos, através do recurso à prosa da rotina quotidiana, permite ao poeta esgueirar-se ao peso excessivamente patético do discurso confitente, facultando-lhe ainda um enriquecimento das capacidades expressivas dos objectos e das situações. O exterior e o interior misturam-se, e interpenetram-se simbioticamente, convergindo em resultados, por vezes muito felizes, como acontece, por exemplo, no seguinte poema:

*As ondas que se encontram
ainda agora em formação no espírito
dele já não vêm rebentar ao meu.*

*Por mim não volto a vê-lo, encontros houve
com ele dos quais a alma ficou cheia de dedadas.*

*Já nem sequer dele quero ouvir falar,
saber que se ele
fosse uma cama estaria por fazer nada me traz
agora além de desconforto.¹³*

Um outro elemento fecundo da poesia de Nava é consubstanciado pela matéria irruptiva da memória; uma memória próxima do coração e da pele. Selectivo mas não obliterante, o crivo da memória permite ao sujeito o reconhecimento de um percurso vital, de que não está ausente um certo tom de fatalismo, representado pela recorrência da palavra *destino*, a que facilmente se associam *abismo* e *caos*, bem como pelo carácter incontrolável da irrupção do passado. E mais uma vez, a poética implícita e explícita de Nava tece ligações coerentes com a realização textual.

¹² Luís Miguel Nava, *O Céu Sob as Entranhas*, Porto, Limiar, 1989, p.53.

¹³ Luís Miguel Nava, *Poemas*, Porto, Limiar, 1987, p.59.

A rebenção incoercível¹⁴ das recordações sedimentadas na memória harmoniza-se, sem esforço, com a construção do poema. Leia-se, por exemplo o texto intitulado “Os nós da Escrita”:

Escrever é, para mim, tentar desfazer nós, embora o que na realidade acabo sempre por fazer seja embrulhar ainda mais os fios. A própria caligrafia é sufocada.

*Há todavía, um momento em que as palavras são cuspidas, saem em borbotões, e o sangue e a saliva impregnam o sentido. É impossível separá-los.*¹⁵

E chama-se precisamente “Poema” o texto de *Películas* onde se pode ler na segunda estrofe:

*A pedra cai no ventre
da água- a fruta poderosa, as páginas
onde a brancura se estilhaça, o lenço
como um relâmpago.*¹⁶

E em vizinhança espacial e intencional com este poema, podemos ler o texto síntese da “Ars Poética” do autor: “O mar, no seu lugar pôr um relâmpago”¹⁷.

O mar é uma das referências mais constantes do universo lírico de Luís Miguel Nava. O mar e todos os elementos que naturalmente lhe estão associados: ondas, rebenção, falésias, etc. À volta do campo semântico gerado pelo mar, gravitam dois temas essenciais: a infância e o amor.

Logo no poema inaugural de *Películas* se pode ler “... isto explode e entra/nesta página o mar da minha infância, meigo/no modo de lembrá-lo, lê-lo, de acender um texto na memória”. Numa poesia tão ostensivamente corporal, o mar também entra no corpo e mistura-se com ele. O mar ora é objecto motor que arrasta consigo, deflagrando, os lugares e as presenças mais impressivas da infância, ora é objecto movido. Em qualquer dos casos, é o mar uma força inexpugnável: “...às vezes extravio-me, ao enfiar pela memória/as ondas saem-me ao caminho”, ou “..o mar de que deflagram/as ondas por acção da memória”. A estreita relação existente entre o mar e as recordações parece ser bem clara, pois “..disponho alguns retratos junto ao mar, o mar/rebenta-lhes em cima e atravessa-os, fica dentro/deles”. É ainda a energia do mar que traz consigo a figura da mãe, e também, embora com muito menos força, a figura do pai, duas das presenças mais relacionadas com a infância.

Como representação da pele, o mar conduz-nos ao domínio dos afectos. Na poesia de Nava não há uma linha clara que separe o amor da amizade, como já notou Gastão Cruz.¹⁸ E esta

¹⁴ Maria de Fátima Marinho refere <<a definição de *memória*, como algo de incómodo e necessário...>> (“Poesia Portuguesa 1960-1990: A Experiência dos Limites” in *La Poesía Nueva en el Mundo Hispánico - Los Últimos Años*, Madrid, Visor Libros, 1994, p. 77).

¹⁵ Luís Miguel Nava, *Poemas*, Porto, Limiar, 1987, p.68.

¹⁶ Luís Miguel Nava, *Poemas*, Porto, Limiar, 1978, p.22.

¹⁷ Luís Miguel Nava, *Poemas*, Porto, Limiar, 1987, p.22.

¹⁸ Gastão Cruz, Prefácio a *Poemas*, Porto, Limiar, 1987, p.11.

indistinção pode ser uma marca de um certo adolescentismo que impregna sobretudo os primeiros livros, aqueles em que o erotismo se espalha com maior liberdade. Amor e amizade são sentimentos alimentados pelo mesmo recanto privilegiado do coração, “esse órgão a partir do qual ganham sentido as outras partes”¹⁹

João Vêncio, a espantosa e vivíssima personagem da narrativa homónima de Luandino Vieira, chama a esta mistura “amorizade”. Não conheço nenhuma palavra que melhor ilumine o universo afectivo da poesia de Luís Miguel Nava. São vários os poemas em que a “amorizade” se manifesta, mas cito apenas um exemplo:

*Avanço devagar, vão-se os amigos na ressaca
de cujo amor avanço assim deixando
ficar contudo aos poucos para trás, embora o mar
lhes sobre ainda às vezes do sorriso.*

*Procuro esses amigos. É possível
atar-lhes o horizonte entre o cabelo e acariciá-los
ainda uma vez mais. Fazer-lhes através
das mãos passar o sopro das pedreiras.*²⁰

Embora um ou outro nome individualize por vezes as referências, o mundo erótico da poesia de Nava é centralizado pela figura indefinível do *rapaz*, que é muitas vezes uma imagem ancorada no passado, sendo assim um ponto de reconstrução do sujeito, não deixando, no entanto, de ser também um referente explícito, uma espécie de personagem unificadora.

Importa sobretudo notar que as referências ao *rapaz* vão desaparecendo dos últimos textos, e esse desaparecimento arrasta consigo o mar, isto é, o elemento que melhor representa o ardor corporal; o mesmo é dizer que existe na poesia de Nava um percurso visível, em que se passa da afectividade representada pelo mar para a secura solitária do deserto, como podemos verificar no poema “Os Rostos Náufragos”:

*...O que eu do mar conheço, devo-o contudo, mais do que a qualquer outra
experiência, a corpos onde a nitidez das suas águas ultrapassa muitas vezes a dos
próprios traços fisionómicos (...). Não obstante, também já eu me apercebi da
clandestina presença do deserto, o que me leva a compará-lo àquela roupa que
persiste em irromper na pele de quem por isso nunca por completo se consegue
desnudar.*²¹

Nos dois últimos livros publicados em Portugal, *O céu sob as entranhas* e *vulcão*, é muito evidente a expansão do peso semântico do deserto, trazendo a sombra do abandono, da morte e da solidão. Veja-se, como exemplo, o belíssimo poema intitulado “A Fome”:

¹⁹ Luís Miguel Nava, *O Céu sob as Entranhas*, Porto, Limiar, 1989. p.17.

²⁰ Luís Miguel Nava, *Poemas*. Porto, Limiar, 1987, p.33.

²¹ Luís Miguel Nava, *O Céu sob as Entranhas*, Porto, Limiar, 1989, p.10.

*Aqui, onde a mão não
alcança o interruptor da vida, aqui
só brilha a solidão.
Desfazem-se as lembranças contra os vidros.*

*Aqui, onde a brancura
dum lenço é a brancura do infortúnio,
aqui a solidão
não brilha, apenas
se estorce.
A fome fala através das feridas.²²*

A elisão do corpo erótico vai dando lugar ao corpo mortal, funéreo, metamórfico, veiculado por um registo cada vez mais narrativo, mas também mais plástico, a que não é alheia, na intuição certa de Jorge Fazenda Lourenço, a pintura de Francis Bacon.²³

Mas regressemos ao corpo vivo, cujo mundo radiculoso, copado, atravessado de rios faz a originalidade da poesia de Luís Miguel Nava. É esse corpo desamparadamente humano que nos fica na memória, depois da leitura desta poesia.

Eduardo Lourenço diz que com José Régio “inicia-se (precedido noutros registos por Fialho e Aquilino) a reconquista do corpo como lugar de drama, de conflito por excelência (...) Foi (é) uma das intuições capitais de Régio esta clara visão de enraizamento do espírito no corpo...”.²⁴ Luís Miguel Nava conduz até ao paroxismo esta encarnação do espírito, abrindo ao mesmo tempo espaços para a revisitação do corpo, desde a superfície da pele até à raiz da alma.

²² Luís Miguel Nava, *Vulcão*, Lisboa, Quetzal, 1994, p.17.

²³ Jorge Fazenda Lourenço, “Na esperança de uma alma”, *Expresso*, 20 de Maio de 1995.

²⁴ Eduardo Lourenço, *O Canto do Signo- Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Presença, pp.147-8.